

5. CRIMINOLOGIA

5.1

PROGRAMA DE APOIO À REINTEGRAÇÃO SOCIAL DE ENCARCERADOS ATRAVÉS DE SESSÕES DE DEBATES:

relato de uma experiência

ALVINO AUGUSTO DE SÁ

Coordenador

CARLA C. VIVIAN CLARIZIA

FÁBIO C. MASTROIANNI

JULIANA BALLOTI MONTEIRO

LOURDES TATIANE F. SOARES

LUCIANA J. GONÇALVES

LUCIANA LUTAIF

MARISOL S. VERA

MÔNICA SOLIGUETO

VANESSA A. CORDIOLLI

SUMÁRIO: 1. Introdução – 2. Considerações teóricas: 2.1 O Fenômeno da prisionização; 2.2 A importância da interação presídio-comunidade – 3. Método do programa de apoio à reintegração social através de sessões de debates – 4. Análises e observações sobre as sessões: 4.1 Sessões de grupo 1; 4.2 Sessões do grupo 2 – 5. Análise, considerações e conclusões sobre a experiência com o programa desenvolvido – Bibliografia – Anexos.

Resumo: O presente trabalho é o relato da experiência de um programa de apoio à reintegração social de sentenciados que cumpriam pena privativa de liberdade em regime fechado, através de sessões de debates entre um grupo de reeducandos e um grupo de estudantes de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. O programa foi desenvolvido concomitantemente com dois grupos de presos. Foram realizados sete encontros com cada grupo e debatidos temas previamente definidos. Também foram aplicadas dinâmicas de grupo. Todo o trabalho foi acompanhado e supervisionado pelo professor coordenador do mesmo. Vêm analisadas e comentadas todas as sessões e, no final, a experiência é discutida, e são tiradas algumas conclusões.

Palavras-chave: Reintegração social – Ressocialização de sentenciados – Prisionização.

Abstract: The present work is the story of an experience of a program of sentenced bracket to the social reintegration of that they fulfilled freedom private penalty, in closed

regiment through sessions of debates between a group of reeducating and a group of students of Psychology of the University Mackenzie. The program was developed concomitantly with two groups of prisoners. Seven meeting with each group had been carried through and debated subjects previously defined. Also they had been applied dynamic of group. All the work was followed and supervised by the coordinating professor of accurately. They come analyzed and commented all the sessions and, to the end, the experience comes argued, taking off some conclusions.

Key-words: Social reintegration – Convicts social readjustment – Imprisonment.

1. Introdução

O presente trabalho é relato da experiência de um Programa de Apoio à Reintegração Social de Reeducandos Através de Sessões de Debates. O programa foi desenvolvido por alunos da Faculdade Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie, sob a coordenação e supervisão do Prof. Dr. Alvino Augusto de Sá, junto a presos que cumpriam pena privativa de liberdade, em regime fechado. Os alunos, divididos em dois grupos, um do turno matutino e outro do turno noturno, realizaram, cada um, através de sessões semanais, sete encontros com um grupo de sentenciados. Desses encontros, o primeiro destinou-se à apresentação do programa, seus objetivos e participantes (reeducandos e alunos); o último destinou-se à avaliação; e, nos outros cinco, foram realizadas dinâmicas e debatidos temas específicos.

O programa constituiu-se numa experiência que tem como objetivo buscar a integração entre a sociedade, através de um segmento seu – no caso, universitários –, e a população carcerária, visando, do lado da sociedade, a superação de preconceitos e uma melhor compreensão do homem preso, e, do lado do encarcerado, oferecer-lhe uma oportunidade de se sentir cidadão, digno da convivência social, uma oportunidade de conviver, pelo menos por alguns momentos, com um segmento da sociedade, conversando e debatendo sobre determinados temas de interesse para ele. Em relação aos presos, pretende-se levá-los a debaterem entre si e com alunos universitários e, conseqüentemente, a refletirem sobre sua conduta anti-social, sobre suas experiências de vida, sobre questões relativas à sua reintegração social, com vistas a melhor se conscientizarem sobre o significado pessoal e social de sua conduta criminosa e sobre as possibilidades, chances, exigências, dificuldades, significado e vantagens de sua reintegração social. Em relação aos alunos, o objetivo é oferecer-lhes uma oportunidade de entrarem em contato com a população carcerária, com seus problemas e angústias, e de desenvolverem uma experiência de apoio à reintegração social dos presos.

Parte-se do pressuposto de que, no ambiente carcerário, o sentenciado tem uma vida restrita, restrita quanto ao espaço, aos assuntos, às pessoas com quem se relaciona, e acaba, na maioria das vezes, sucumbindo ao processo de prisionização, resultante, entre outras coisas, do distanciamento e marginalização em relação à

sociedade. A ressocialização do preso, sua reintegração social, dependerá, pois, em grande parte, da forma como ele se reaproximará da sociedade, vai se sentir, se valorizar e se impor, como cidadão, perante ela. Assim, são feitas inicialmente algumas considerações teóricas sobre o processo de prisionização, bem como sobre a importância da interação presídio-comunidade. A seguir, vem exposto o programa. No item 3, para cada um dos encontros faz-se o destaque de algumas participações, seguido de algumas observações gerais sobre o encontro. No item 5, são feitas discussões e tiradas algumas conclusões sobre a experiência que se teve com o programa.

2. Considerações teóricas

2.1 O fenômeno da prisionização

A assim chamada “recuperação” de um sentenciado, de um ex-presidiário, não é coisa fácil. Disso todos sabemos. Não é coisa fácil, porém, não porque ele tenha as “marcas”, os traços de uma “personalidade criminosa”, idéia essa hoje totalmente descartada na Criminologia, mas sim porque ele tem as “marcas” da prisão, o que é coisa bem diferente. A prisão deixa “feridas” profundas na “alma” do sentenciado e do ex-presidiário. Essas feridas são resultantes em grande parte do fenômeno da prisionização. Assim como existe a contaminação hospitalar, também existe a contaminação carcerária, de conseqüências profundamente deletérias para a mente do encarcerado.

A prisionização será entendida por nós, primeiramente, como um processo. E uma das formas de se entender um processo é como algo que pode ocorrer sucessivamente e gerar mudanças. É também algo que sugere ir adiante, algo que se concretiza num determinado espaço de tempo, com ou sem objetivos definidos. De acordo com o *Dicionário Técnico de Psicologia*, “processo se contrasta com estrutura ou forma de organização daquilo que muda ou se transforma, a qual, entretanto, é relativamente estática, apesar do processo de transformação”. Portanto, dizer que o preso sofre de algum distúrbio ligado à sua estrutura de personalidade, que o fez ir contra as normas sociais, sem levar em consideração o ambiente que o cercava e o cerca agora (o cárcere), isto é, seu processo de vida, é errôneo. A estrutura de personalidade pode manter-se a mesma, mas o meio e as interações com esse meio têm um papel decisivo na dinâmica da personalidade. Entende-se aqui estrutura como um agrupamento e ordem das partes de um todo, e dinâmica como algo relativo a movimento, a provocação de uma ação. A psicologia dinâmica envolvida nas investigações de relações de causa-e-efeito, nos motivos e impulsos, afirma que “a atividade mental é determinada pela dinâmica da personalidade em suas constantes trocas de energia... Distingue-se da psicologia de profundidade, na medida em que esta sustenta que só os processos inconscientes têm efeitos dinâmicos, quando, de fato, as influências externas e orgânicas afetam igualmente os padrões de estímulos recebidos, num intercâmbio constante entre a pessoa e o meio” (Cabral e Nick, 1997, p. 304).

Já que o meio é um determinante na dinâmica da personalidade e levando-se em consideração que os comportamentos são a melhor expressão da personalidade de um indivíduo, nada mais claro do que afirmar que indivíduos segregados num mesmo espaço físico tendem a assimilar paulatinamente modelos de conduta existentes nesse espaço, bem como a reforçar condutas suas semelhantes a tais modelos. Comprova-se isso através da Antropologia, que estuda o indivíduo, destacando as influências particulares que ele sofre dentro de seu grupo étnico ou de sua sociedade, decorrentes da sua própria participação social e cultural. O indivíduo pode desempenhar um papel ativo e criador na cultura; porém, tende a ações, pensamentos e sentimentos característicos de seu grupo étnico ou sociedade, sendo condicionado por aprendizagem e educação a um contexto particular de tradição cultural. Conclui-se daí que a cultura se caracteriza pela interação de todas as personalidades do grupo étnico ou sociedade, visto que os indivíduos são educados em um núcleo comum, a fim de manter-se a tradição daquele grupo.

No ambiente carcerário, o que se dá é algo que chamamos de aculturação, um processo em que diferentes grupos culturais entram em contato uns com os outros; tomam ou recebem elementos culturais um do outro. Esse contato e a difusão ocorrem com certa continuidade. Na verdade, o que deveria ser um espaço para a punição e eliminação de comportamentos inadequados torna-se um local reforçador desses comportamentos, uma vez que todos os que no cárcere estão, com exceção dos agentes penitenciários e afins, são mantidos isolados e, portanto, obrigados a construir uma nova sociedade dentro da vida em massa no cárcere.

A prisionização é, portanto, um processo, ou seja, é algo que ocorre num determinado espaço de tempo e gera mudanças. É um processo de aculturação – a adoção dos costumes de um grupo social com o qual se convive por algum tempo, em que há “a adoção em maior ou menor grau dos usos, costumes, hábitos e cultura geral da prisão” (Thompson, 1980, p. 23). É algo que ocorre inevitavelmente e que exige do indivíduo que passa a conviver com essa cultura uma prévia “perda” de identidade, ou, em termos mais realistas, uma “acomodação” da própria identidade, para que ele possa com isso adquirir a identidade da instituição carcerária. “A Instituição é algo como o inconsciente de Freud, não localizável e imediatamente problemático. Ou fazemos detonar o consciente ou nos submetemos ao inconsciente” (Barrili, 1990, p. 187).

Na maioria das vezes, as pessoas estão mais interessadas em denunciar criminosos, ou por já terem sido vítimas de algum incidente, ou simplesmente por solidariedade a alguém. Não se preocupam, em absoluto, com os efeitos e manifestações da prisionização em um indivíduo, pelos quais ele perde sua identidade, privacidade e o direito de independência e desenvolvimento pessoal. Deve-se atentar para o fato de que o indivíduo que cumpre de cinco a dez anos dentro do cárcere não sai, e nem pode sair, do sistema prisional sem que tenha sofrido transformações consideráveis em sua maneira de ser e sentir. Por passar muito tempo em contato somente com indivíduos criminosos, acaba aderindo à sua sociedade, ao seu mundo, aos seus costumes, valores, critérios de felicidade e à

própria linguagem deles, que, aliás, é a forma como os indivíduos representam e simbolizam o ambiente.

Uma verdade incontestável tem que ser dita: que a pena de prisão e o cárcere provocam degradação do ser humano através dos problemas inerentes à própria natureza do cárcere, como o isolamento do preso em relação à sociedade, a convivência forçada no meio delinqüente e um poder totalitário controlando todos os atos do indivíduo. Todo o encarcerado sucumbe, de alguma maneira, à cultura da prisão, sem alternativas de escape. Devido a esse poder totalitário, emerge entre os reeducandos uma cultura paralela que define regras, costumes e critérios e condições de felicidade e sobrevivência. Portanto, o preso sofre um isolamento em sua cultura carcerária, já que não tem um contato mais próximo da sociedade.

Até mesmo a arquitetura carcerária acaba por contribuir e influenciar nesse processo de prisionização, na vida mental do sentenciado (Sá, 1990). A personalidade do indivíduo vai se moldando, adquirindo sua identidade através da relação com os objetos que ela integra. Estabelece-se uma simbiose perfeita entre o homem e o arranjo arquitetônico do cárcere. Um lugar que oferece ao preso repressão, ameaças, depressão e austeridade. Transmite a impressão de restrição de seus movimentos vitais, respiratórios e da própria dimensão de vida. Normalmente, os lugares são escuros, com paredes altas, de cores escuras, sem muita ventilação, com escassa liberdade de movimentos. Os indivíduos que lá trabalham também sofrem esse processo, mas ainda mantêm um contato com o ambiente externo ao cárcere, impedindo uma maior identificação com a prisionização.

Portanto, uma das formas mais importantes e, diríamos, imprescindíveis para se promover a assim chamada "recuperação" do sentenciado não é necessariamente a de buscar "transformá-lo", mas primeiramente a de, juntamente com ele, buscar caracterizar as marcas nele deixadas pela prisionização, conscientizá-lo sobre essas marcas e seus efeitos deletérios e oferecer-lhe o apoio possível e necessário para que ele possa superá-las. Se a prisionização ocorre por força da segregação do preso em relação à comunidade, a conscientização e superação de seus efeitos só poderão ocorrer através da retomada do contato com a sociedade. Daí a importância capital da interação presídio-comunidade.

2.2 A importância da interação presídio-comunidade

A idéia central que norteia o presente trabalho é a de que a assim chamada "ressocialização" do preso só se efetiva de fato através da participação da comunidade, o que propiciará o que se chamará aqui de "reintegração social". Reintegração social é um conceito proposto por Barata (1990), no lugar dos conceitos de reeducação, ressocialização etc. Tal conceito supõe uma pista de mão dupla, isto é, não é somente o sentenciado que tem de caminhar rumo à sociedade, transformar-se e adequar-se a ela, mas é também, e talvez sobretudo, a sociedade que tem de se modificar, caminhar em direção daqueles que ela excluiu e buscar aceitá-los, compreendê-los em sua história e integrá-los. A reintegração social não deixa de ser a aceitação das normas e comportamentos sociais por parte do

condenado, mas também deve propiciar-lhe a compreensão de que todos os serviços, benefícios e entretenimentos oferecidos pela sociedade lhe são de direito, uma vez que ele é parte integrante desta. Não se trata simplesmente de incrementar exigências “gratuitas” em sua mente, que viriam acirrar uma rebeldia não construtiva, mas de ajudá-lo a desenvolver uma consciência sobre seu real valor de cidadão e sobre suas qualidades. Segundo Schneider (1991), esse processo implica um trabalho junto à sociedade, dando condições para que ela aceite os reeducandos e que estes tenham a oportunidade de começar uma vida nova. É muito importante a participação da família do preso para o sucesso desse processo.

O sistema penitenciário vigente tem falhado em seu objetivo de reintegrar o preso à sociedade. A falha está no fato de o preso ficar privado de liberdade, o que o leva a sofrer os efeitos da prisionização. As conseqüências desse processo são extremamente prejudiciais ao seu psiquismo. Baratta (1990), em seu trabalho “Ressocialização ou controle social”, apresentado no Fórum Internacional de Criminologia Crítica, trata da marginalização e conseqüente rejeição desse indivíduo por parte da sociedade (marginalização primária). Ao ser preso, o indivíduo sofre uma segunda marginalização. É quando o Estado concretiza o antagonismo entre o condenado e a sociedade. Por conseguinte, para a reintegração social desse indivíduo marginalizado, é imprescindível que se retome a interação entre ele e a comunidade. Segundo Baratta (1990), comunidade e presídio, tomando conhecimento um do outro e de suas contradições, poderão reconstruir suas próprias histórias, fazendo com que essas partes voltem a integrar-se, superando suas “diferenças” e, juntas, buscando as melhores condições para resolver os conflitos existentes entre elas.

Pois bem, entre as múltiplas formas de interação presídio-comunidade, visando ao menos minorar no sentenciado os problemas da prisionização e assim promover sua reintegração social, estão os programas de debates entre universitários e reeducandos. E foi um programa desses que os autores do presente trabalho desenvolveram num dos presídios da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo.

3. Método do programa de apoio à reintegração social através de sessões de debates

O programa de apoio à reintegração social dos reeducandos, de que trata o presente relato, desenvolveu-se através de sessões de debates entre dois grupos de alunos de Psicologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie e dois grupos de sentenciados, que cumprem pena em uma das unidades prisionais da Secretaria de Administração Penitenciária do Estado de São Paulo. O trabalho foi coordenado e supervisionado pelo Prof. Dr. Alvino Augusto de Sá.

Dos dois grupos de alunos, um era do turno matutino e o outro, do turno vespertino. O grupo do turno matutino era composto por acadêmicos do 4.º e 6.º

semestres de Psicologia e realizou sete encontros com um grupo de reeducandos que aqui será identificado como grupo 1. Esse grupo teve a participação de cinco membros em média, já que houve algumas faltas e alguns membros não mais compareceram a partir do quinto ou sexto encontro, por terem sido transferidos para o regime semi-aberto. As sessões realizaram-se às quartas-feiras à tarde e tiveram duração média de 1 hora e 15 minutos. O grupo de alunos do turno vespertino era constituído por acadêmicos do 6.º ao 8.º semestre de Psicologia e realizou sete sessões de debates com um grupo de reeducandos, que aqui será identificado como grupo 2. Esse grupo contou inicialmente com a participação de oito sentenciados, dos quais um não mais compareceu a partir do terceiro encontro. As sessões realizaram-se às sextas-feiras de manhã e tiveram duração média de 1 hora e 15 minutos.

O trabalho desenvolveu-se de março a novembro de 1999. De março a junho, os alunos e o professor supervisor realizaram encontros de discussões teóricas sobre leituras feitas. De agosto a novembro realizaram-se as discussões de debates. A partir daí, o grupo entregou-se à tarefa de relatar, analisar e discutir a experiência.

No próximo item, são especificados, para cada sessão, os temas debatidos e estratégias utilizadas, e são feitas algumas análises e observações.

4. Análises e observações sobre as sessões

4.1 Sessões do grupo 1

Primeiro encontro

O primeiro encontro teve como objetivo a apresentação do trabalho e dos participantes. Os universitários se apresentaram, bem como os internos. Os universitários expuseram a proposta e objetivos do trabalho, especificando os temas a serem debatidos. Disseram que todo o trabalho seria relatado e que uma cópia seria entregue no presídio; os sentenciados participantes seriam identificados por nomes fictícios. Eles disseram que seria muito importante a casa saber de sua participação nesses trabalhos, a fim de reconhecer seus méritos. Os detentos comentaram que os temas eram os mesmos que eles discutem no grupo de reabilitação. Mostraram-se dispostos a participar das atividades propostas. Mais do que dispostos, mostraram-se interessados, dizendo que atividades como essa servem para "refrescar" sua cabeça e tirá-los da rotina da cadeia, constituindo-se para eles numa oportunidade de falar de assuntos diferentes e conversar com pessoas diferentes.

Mesmo não havendo debate, esse primeiro contato entre reeducandos e universitários foi importante, uma vez que serviu para vencer certas barreiras, sobretudo por parte dos reeducandos, já que estes, principalmente no início, mostraram-se defensivos, o que é mais do que natural. Essa apresentação tornou mais fácil o encontro seguinte, em que iriam começar os debates.

Segundo encontro

O tema de debate do segundo encontro foi o seguinte: o que significou para os reeducandos a sua conduta criminosa; a que eles a atribuem; e como eles a compreendem hoje. Os universitários sentaram-se, alternando-se entre os sentenciados.

Destaque de algumas participações

Destacaremos algumas colocações feitas pelos detentos, ilustrativas de seu processo de marginalização social, de identificação com a vida do crime e de autodegradação (diminuição da auto-estima). Vale lembrar que, ao verbalizarem num grupo de debates as experiências por que passaram e seus pensamentos e “crenças”, estão se abrindo a um diálogo, a uma reformulação, e “algo” poderá ficar em suas mentes, para reflexões futuras.

Disse um dos sentenciados: “Meu pai é viciado, pedia para eu roubar gás de cozinha da minha mãe para ele e ficava se drogando. O próprio ‘Renato’ (nome fictício de outro detento) viu quando estávamos eu e ele, os nossos pais e o meu avô na casa deste último, numa saída (temporária) que tivemos, quando ele (seu avô) nos disse que se nós quiséssemos ajuda para arrumar a vida, trabalho, ele nos ajudaria, mas, se quiséssemos continuar no crime, também nos ajudaria. Tanto é que, quando fugi, fui direto para a casa dele”. Observe-se que esse sentenciado tem consciência dos modelos negativos que teve e tem na vida, em sua própria família, e de que seu avô pôde lhe favorecer o caminho tanto para o bem como para o mal. No debate, teve-se a ocasião para alertá-lo de que cabe a ele fazer a opção, o que, é óbvio, serve de alerta também para os demais.

Disse outro reeducando que, desde os 12 anos, já andava com uma arma na mão, no meio dos bandidos, na periferia. “Eu andava com um pessoal barrapitada. Aí fui para o Nordeste, voltei uns dois anos depois, arrumei um emprego de lavar carros. Já não andava mais com os caras de antes, quando um dia os guardas me pegaram. Eu não estava fazendo nada. Me perguntaram sobre o pessoal que eu andava, não sabia de nada, me levaram para um matagal, me amarraram numa cadeira e me chicotearam, sendo que eu tenho as cicatrizes até hoje” (apontou para o pescoço). “Eu não falei nada, pois não sabia de nada. Arrumei uma arma e comecei a assaltar. O primeiro foi um comerciante lá da vila”. Quando o grupo colocou que quem “pagou o pato” então foi o comerciante, ele disse: “Ele e mais um monte”. E todos os reeducandos riram. Observe-se nessa fala o curso vital de um assaltante. Um curso vital caracterizado pela segregação social, integração de grupos marginalizados e permeado de conflitos com a sociedade, ainda que com tentativas, por parte do marginalizado, de reaproximação, mas sem sucesso. No debate, torna-se clara uma consciência, por parte do grupo e dele, de que suas vítimas “pagaram” pelo que ele vinha sofrendo em sua vida. Entretanto, os risos dos companheiros não deixam de mostrar certa aprovação (em nível de compreensão e identificação) do que ele fez.

O detento “Cláudio” permaneceu quieto, atento àquilo que seus colegas diziam. Num determinado momento do debate, Cláudio disse que havia sido conde-

nado pelo art. 155 (furto) e atribui sua conduta criminosa ao fato de ter vivido na Febem durante um período de sua vida. Defendeu uma idéia da qual todos os outros reeducandos discordaram: disse que quando sair da prisão voltará a roubar porque esta era a forma que ele tinha para sobreviver. Uma das universitárias perguntou: "Mas você não pensa que pode voltar para a prisão, por motivo de roubo novamente, não pensa em tudo aquilo que você já passou aqui dentro?". O detento responde: "É, daí eu acho que não faria não". Diante dessa fala de "Cláudio", os outros reeducandos começam a rir e dizem: "Meu, esse cara não sabe o que fala, cada hora fala uma coisa, não tem opinião certa". Essa participação nos mostra como um detento vive à mercê dos momentos, positivos ou negativos, que a vida lhe proporciona, sem muitas condições para uma reflexão mais séria, ficando sujeito às mais diferentes influências, construtivas ou negativas. Num debate assim, essas questões vêm à tona.

O sentenciado "Marcos" disse que já teve uma companheira e que tem duas filhas. Não mencionou o que teria provocado sua conduta criminosa. Uma das universitárias perguntou-lhe quem era responsável pelo sustento de suas filhas e ele respondeu: "Sei lá, acho que é minha sogra ou o 'Ricardão'. Desde que fui preso, minha companheira veio me visitar na primeira semana, depois passou quinze dias até aparecer de novo e depois não veio mais, deve ter encontrado um 'Ricardão', e com isso não vejo mais minhas filhas, pois elas são muito novas e não poderiam vir até aqui sozinhas". Fica patente nessa colocação a diminuição significativa da auto-estima, quando o preso reconhece publicamente, quase que numa atitude de ridicularização de si mesmo, a possível presença do tal "Ricardão" junto à sua companheira.

"André" disse mais uma vez ter mudado seus pensamentos e suas atitudes, comentando que, depois de ter levado oito tiros de comerciantes, ao sair da cadeia da primeira vez, foi conversar com tais sujeitos, com os quais se entendeu e hoje mantém convívio pacífico e até amigável, dizendo: "eu confio neles". Trata-se de uma fala que coloca em foco e valoriza a atitude de busca de reconciliação, estratégia fundamental, quando se pretende atingir a ressocialização.

Observações gerais sobre o segundo encontro do grupo 1

Como em qualquer grupo de pessoas, o que se observou foi a liderança de alguns com maior participação, uma menor participação de outros e uma quase total passividade ou omissão de uns dois ou três. Esses últimos não se mostraram, porém, propriamente desinteressados no debate. Eles representam e expressam aquele lado de timidez e submissão humanas, frente a outros que conseguem tomar a iniciativa e dominar. De uma forma geral, observou-se interesse pelo tema, pelo debate. Da parte de alguns, suas colocações pareciam partir espontaneamente de algo sobre o que eles já vêm refletindo e com o que vêm se preocupando.

Não se observou muita ou quase nenhuma complementaridade de idéias; um confronto de idéias aconteceu de forma explícita, embora pouco freqüente. O aspecto de cooperação e construtividade no debate mostrou-se pobre. Nesse sen-

tido, observa-se o risco de os mais passivos e submissos sentirem-se frágeis e dependentes diante da realidade, perante outros, e de se tornarem dependentes e influenciáveis.

Dentro, porém, de uma visão ampla sobre o debate, pode-se dizer que o grupo, perante a sua dinâmica, em nada se diferenciou essencialmente de um grupo comum de pessoas de nível cultural e intelectual equivalente, que, inseridas num mesmo contexto, são convidadas a debater sobre um problema que lhes é comum.

Terceiro encontro

O tema de debates do terceiro encontro foi: o que os reeducandos pensam sobre a sociedade. Os universitários alternaram-se nas cadeiras com os reeducandos.

Destaque de algumas participações

O primeiro ponto levantado pelos reeducandos foi o preconceito, e levantaram a questão de que existem pessoas boas e más dentro e fora do presídio. “André” diz que, “quando estamos em liberdade, é mais fácil encontrar apoio em casas de pessoas humildes. Essas estão dispostas a doar um prato de comida ou uma roupa. Já as pessoas mais ricas, a ‘burguesia’, não ajuda em nada, pior, é capaz de chamar a polícia para te levar de volta para a cadeia”. Ele diz que parte da culpa da existência desse preconceito é da imprensa, isso porque ela passa sempre aquela imagem de uma rebelião, com muitos reeducandos usando máscaras com “aquela cara de doido e espumando”. As coisas boas que acontecem no presídio ela não mostra, como o teatro, por exemplo. Essas colocações mostram claramente a relação de antagonismo entre os presos e a sociedade, ao mesmo tempo, porém, que estão a testemunhar certa infantilidade da parte deles, no que diz respeito à sua dependência em relação à ajuda de que necessitam, ou até mesmo que “exigem” da parte dos outros.

O Prof. Alvinho expôs o quanto é perigoso o detento não se sentir parte da sociedade e acabar assumindo o crime como sendo o seu único valor. Isso atrapalha o processo de reintegração social. Os reeducandos responderam que precisam ter a consciência de que são capazes de fazer outras coisas e que eles têm o seu valor. Deram como exemplo um detento que está escrevendo um livro e um outro que estava estudando para entrar numa faculdade de Direito no interior e conseguiu. A essas pessoas eles atribuíram a qualidade de serem inteligentes.

Os universitários perguntam, então, se o fato deles terem percebido isso, ou seja, que eles também são capazes de produzir coisas boas, já não era uma atitude inteligente. Dissemos que eles não deveriam perder isso e devem lutar pelas coisas que almejam, uma vez que nada na vida é fácil de se conseguir. Sabemos que a vida dentro do crime é sedutora, pela facilidade com que se conseguem as coisas, pela adrenalina e também pela própria admiração da sociedade. Eles não podem se deixar iludir por essa falsa realidade, e o fato de terem essa consciência já é um grande passo.

O reeducando "Fernando" verbalizou sua indignação quando ouviu a psicóloga que o examinou dizer que ele é "irracional" (*sic*). Mostrou-se bastante revoltado com essa observação que ouvira tempos atrás. Ao mesmo tempo, porém, diante da observação do Prof. Alvino de que ele deve procurar descobrir e reconhecer em si suas qualidades, ele retruca, dizendo que, com ele, "não tem mais jeito".

Os reeducandos nos perguntaram qual era a reação das pessoas quando dizíamos que estamos fazendo um trabalho dentro da penitenciária. Perguntaram-nos se sentíamos medo. Respondemos que algumas pessoas parecem surpresas e comentam que é uma atividade perigosa e explicamos que não sentíamos medo de estar ali dentro conversando com eles. Sabemos que violência existe em todo lugar, e que estamos sujeitos a ela tanto ali dentro quanto fora. Podemos até mesmo nos sentir mais seguros dentro do presídio do que fora dele. Como já tínhamos dito antes, existem pessoas boas e más em todo lugar, sem exceção.

Os reeducandos disseram que é difícil ser honesto na sociedade, quando as pessoas que vivem nela não dão o exemplo. Citaram os políticos, que são as pessoas que deveriam estar no poder para defender os nossos direitos, e que no entanto são as primeiras a nos roubar.

Retrucamos voltando a um assunto que já havia sido levantado: existem pessoas boas e más, cabe a nós seguirmos o bom exemplo.

Nessa hora um dos universitários levantou a seguinte questão: será que é a sociedade que "empurra" a pessoa ao crime, ou será que é mesmo uma opção de cada um?

O tempo da reunião já estava terminando, mesmo assim os reeducandos responderam que: "é você que decide por esse caminho". Não tivemos mais tempo para uma discussão mais prolongada.

Observações gerais sobre o terceiro encontro do grupo 1

Nesse debate, percebeu-se uma melhor convergência (e menor dispersão) de idéias, basicamente centradas em torno do antagonismo entre os presos e sociedade, e da predisposição negativa deles em relação à sociedade. Fica, por isso mesmo, muito clara a importância de debates como esses entre eles e segmentos da sociedade, exatamente para se atacarem de frente questões como as que foram levantadas: preconceitos, modelos positivos e negativos, autoconfiança, descoberta e reconhecimento dos próprios valores e da própria capacidade.

Quarto encontro

O tema de debate do quarto encontro foi a família.

Destaque de algumas participações

Todos falaram sobre a importância da visita. O dia da visita é visto por eles como sagrado. Se houvesse audiência que coincidissem com o dia da visita, os reeducandos desmarcariam a audiência para ficarem com a família. "Fernando" relatou que são essas visitas que dão força, ânimo para ele. "Às vezes quando a gente está com a cabeça cheia, uma passada de mão no rosto parece que faz a

gente esquecer de todos os problemas". Os outros reeducandos concordaram. A visita é feita na maioria das vezes pela mãe, esposa ou namorada e filhos.

É interessante ressaltar que nenhum dos reeducandos fez referência ao pai, somente diante da solicitação do professor. "Paulo": tem uma relação boa com o pai. "André": pai morreu assassinado em 1992. Marcos: pais morreram quando tinha 12 anos. Fernando: odeia o pai, que nunca o visitou e não tem interesse de saber sobre ele. Contou que o pai tem uma fábrica e uma S-10. Disse tê-lo encontrado uma vez em um bar e, como estava acompanhado de uma mulher, quis dar dinheiro para ele para que este não contasse para sua mãe.

Dentro do presídio, disseram os reeducandos, deve haver o respeito com as visitas, e que um detento não pode se dirigir diretamente à visita do outro, qualquer comunicação deve ser feita por intermédio do detento ligado diretamente àquela visita, não podendo nem mesmo dirigir olhares para a visita alheia, tendo que manter-se de cabeça baixa quando passa por ela. Ainda assim é preferível que não se passe pelo lado da visita, mas sim pelo lado do detento daquela visita. Outro ponto importante, acrescentaram eles, é que o detento tem domínio sobre sua própria visita, sendo que esta deve obedecê-lo.

"André" relatou que gostava muito do pudim de leite feito pela mãe, e, quando esta traz o pudim, ele valoriza muito quando compara com a comida do presídio. Nesse momento, uma das universitárias alertou sobre o fato de que só se dá valor às coisas quando se as perde, e perguntou se o valor dado à família agora é diferente do que era dado anteriormente. "Fernando" disse que, quando se têm as coisas, é tudo tão fácil, está tão perto, é tão rotineiro que as pessoas terminam não dando muito valor. Diante disso, o professor alertou que, do mesmo jeito que as coisas são fáceis, pode-se perdê-las facilmente também.

Observações gerais sobre o quarto encontro do grupo 1

De um modo geral, todos ressaltaram a importância da família, da figura da mãe, que sempre permanece a seu lado, seja qual for a situação. As palavras que mais foram vinculadas à família foram: apoio, segurança, base, refúgio. Pudemos observar que os reeducandos valorizam o contato com a família, que seu apoio é importante para que eles reajam frente às suas dificuldades. Outro aspecto interessante é que eles valorizam mais a figura da mãe do que a do pai.

A maioria apresenta contatos familiares conflituosos e descontínuos. Preferem que os filhos não saibam da atual posição em que se encontram. Apesar de ter havido um interesse na discussão sobre tal tema, não houve um aprofundamento no que diz respeito à questão de prevenção ao crime ou da reincidência criminal junto à família.

Demonstraram solidariedade a um membro do grupo que não tem uma família que o visite.

Quinto encontro

O tema de debate do quinto encontro foi: o que os reeducandos pensam acerca de seu futuro, quando em liberdade.

Destaque de algumas participações

Os detentos, de maneira geral, falaram de suas expectativas sobre o que pretendem fazer, quando estiverem em liberdade, seja quanto à família, seja quanto ao trabalho, seja quanto aos amigos. Falou-se dos bons e dos falsos amigos. Falou-se das dificuldades que os egressos têm para encontrar emprego. Os detentos enfatizaram ainda as dificuldades que têm para que a equipe técnica reconheça seus méritos e seus progressos, para lhes dar um parecer favorável à obtenção de um benefício. Aliás, esse tem sido um "lugar-comum" nos debates.

Um dos internos, que levava uma vida pregressa bem identificada com a delinquência, comentou que, quando retorna à cela à noite, começa a refletir sobre os debates e então diz para si mesmo: "Pô... os caras lá até que falam uns 'barato' interessante, que dá pra pensar!". E acrescentou que os debates estavam lhe sendo úteis.

Falando-se sobre as dificuldades do egresso para arrumar emprego, o detento "Paulo" perguntou para uma das estagiárias: "Você empregaria um ex-detento?". A estagiária respondeu que esta era uma pergunta difícil de ser respondida, mas assegurou que este não seria o único fator para uma decisão; dependeria do que ele (ex-detento) falasse no momento da entrevista, da percepção que ela teria de sua mudança.

Às dificuldades de emprego soma-se muitas vezes, disseram os internos, a falta de apoio por parte da família, e tudo isso faz com que o caminho mais fácil seja mesmo o do retorno ao crime.

O Prof. Alvino comentou sobre o sentimento de poder em que o indivíduo se encontra quando está na posição de "bandido" e o sentimento de submissão, de ter que abaixar a cabeça para os outros, quando se está na posição de empregado. Alertou também que todos têm que abaixar a cabeça para alguém, pois sempre haverá alguém superior a você.

Observações gerais sobre o quinto encontro do grupo I

Percebemos que os reeducandos demonstram certa preocupação e possuem algumas perspectivas para o futuro, porém sem muita consistência. Assim, referem-se a possibilidades de emprego, contando com a ajuda de pessoas conhecidas. De modo geral, fazem alusões sobre a intenção de não voltar à vida que os levou para a posição em que hoje se encontram, mostrando-se porém pouco otimistas quanto ao apoio real e efetivo que venham a encontrar quando em liberdade. Assumem dessa forma a identidade de detento, mantendo-se num nível superficial de análise, inclusive do ponto de vista ético-valorativo.

Sexto encontro

O sexto encontro consistiu na aplicação de dinâmicas de grupo. O grupo dos universitários colocou uma mesa no centro da sala, espalhando diversos lápis de cor. Todos sentaram-se em círculo. Foram distribuídas duas folhas de papel para cada detento, e foi pedido para que desenhassem nas folhas, ou em apenas uma das folhas, algo que houvera sido discutido antes, conforme os temas propostos.

Apenas um dos quatro reeducandos presentes nessa sessão não quis desenhar, dizendo que mal sabia pegar num lápis, quanto mais desenhar. Foi-lhe dito para que ficasse à vontade e deu-se prosseguimento à atividade.

De maneira geral, eles desenharam sobre expectativas futuras deles (estar com a família, longe do crime, em paz e tranquilo), ter sempre a família unida e arrumar um emprego. Foi-lhes dito que, depois que eles desenhassem, quem quisesse poderia escrever algo sobre o desenho, e depois cada um comentaria sobre o desenho. Um fato interessante que ocorreu durante a atividade foi que um dos reeducandos disse que tentara se colocar no lugar do amigo do grupo que não tem ninguém para o visitar, dizendo-nos sentir sobre a vida desse amigo.

Nesse encontro, observou-se que os reeducandos estavam pouco espontâneos. Pouco falaram. Diferentemente dos demais encontros, nesse, encontrando-se ausente o coordenador do trabalho, o Prof. Alvino, estava presente a psicóloga Diretora do Grupo de Reabilitação. É possível que a presença da Diretora tenha inibido um pouco uma melhor participação dos sentenciados.

Sétimo encontro

No sétimo encontro, foram aplicadas dinâmicas de grupo e, a seguir, fizeram-se a avaliação e o encerramento do trabalho.

Dinâmicas

O grupo de universitários e o coordenador resolveram dar prosseguimento à dinâmica, com a finalidade de estimular nos sentenciados a reflexão. A dinâmica se desenvolveu em forma de leitura de textos e discussão destes com os universitários. O primeiro texto discutido com o grupo foi “Lá embaixo” (ver anexo 1), onde, no começo, eles tiveram certas dificuldades em entender o significado simbólico da história. A partir de discussões com o grupo e à medida que iam se colocando no papel do personagem principal da história, foram percebendo as semelhanças deles com o personagem. Foram vendo que a “areia” que era jogada no cavalo parecia-se muito com a falta de oportunidades, com o preconceito que eles sofriam na tentativa de arrumar um emprego, por exemplo. Eles perceberam que todos nós estamos sujeitos a essa areia que tenta nos enterrar, e que podemos usar isso como uma forma de incentivo para vencermos os obstáculos que a vida nos impõe, e que para isso só depende da vontade própria de cada um, representada no texto pela própria atitude do cavalo.

Num outro texto, “A águia que (quase) virou galinha” (ver anexo 2, p. 234), eles novamente demonstraram dificuldade em compreender o valor simbólico da história, chegando até a satirizar a atividade, comparando-se com galinhas. No entanto, a partir de discussões com o grupo e de reflexões sobre a história, colocaram-se no lugar da águia e perceberam que esta tivera que se comportar como galinha para sobreviver. Embora com dificuldade, perceberam que esse intenso convívio no cárcere não deveria fazer com que ela perdesse a sua própria identidade de águia. Através de reflexões, eles foram percebendo as semelhanças deles com o personagem da história. Mesmo convivendo entre reeducandos, eles ja-

mais deveriam esquecer-se de suas identidades de cidadãos; mesmo sendo jogados nesse abismo de preconceito em relação ao papel que assumem neste momento, deveriam "bater as suas asas" e lembrar-se sempre que são cidadãos, e não vestir sempre a "roupa" de ex-presidiários.

Avaliação e encerramento do trabalho

Esse último encontro, como previsto no programa, foi reservado para que tanto alunos como coordenador e reeducandos fizessem uma avaliação do trabalho realizado. No geral, os comentários por parte dos reeducandos foram de considerar a experiência, que tanto para eles como para nós era a primeira vez, como válida. Alegaram que é importante para eles refletir sobre alguns assuntos sobre os quais não tinham ainda parado para pensar. Além disso, é uma oportunidade de eles conhecerem um pouco mais a sociedade. É importante frisar que eles sugerem que mais segmentos da sociedade tenham esse tipo de experiência, para que se dissolva a imagem que ela tem deles como reeducandos, vendo que eles não são exatamente aquilo que ela imagina, já que a imagem que a sociedade tem deles é muitas vezes distorcida pela mídia.

Um comentário interessante, colocado por um detento durante a sessão, foi: "Malandros na verdade são vocês, que podem ir para onde quiserem e fazer um monte de coisas, ter acesso a diversos lugares, e não a gente que está aqui e não pode fazer nada que quer e nem ir a lugar algum".

4.2 Sessões do grupo 2

Primeiro encontro

O primeiro encontro teve como objetivo fazer a apresentação do trabalho e de todos os participantes, universitários e detentos.

Primeiramente todo o trabalho foi explicado aos reeducandos: número de sessões, temas a serem discutidos, horários e locais a serem realizados os debates e o sigilo dos dados, caso esses fossem desfavoráveis aos reeducandos, deixando claro que a função dos alunos de psicologia não era em nenhum momento a de análise.

Feito isso, os alunos se apresentaram, e em seguida cada um deles se apresentou. Todos aceitaram participar do trabalho, mostrando-se interessados.

Segundo encontro

O tema de debate do segundo encontro do grupo 2 foi: o que significou para os reeducandos a sua conduta criminosa, a que eles a atribuem e como hoje eles a compreendem.

Destaque de algumas participações

Vários sentenciados alegaram a ambição como motivo para sua entrada na vida no crime. No entanto, notou-se uma dificuldade de eles se deterem na análise

sobre os motivos de sua conduta criminosa. Acabam voltando-se para o futuro, para suas dificuldades de retorno à liberdade.

"Cléber" culpa muito a sociedade. Acredita que, se sair da cadeia, não vai ter como se sustentar e dar uma vida decente para sua família, porque a sociedade tem um preconceito muito grande em relação ao ex-detento. Acha que é difícil não voltar para o crime, porque não encontra em si qualidade alguma que lhe permita levar uma vida honesta. "Cléber" desenvolveu então todo um discurso de autodepreciação. Seu discurso foi contestado pelo Prof. Alvino, que lhe disse que ele, "Cléber", não tem o "direito" de desrespeitar a si mesmo, pois ele é antes de tudo um cidadão, que deve descobrir e reconhecer em si essa cidadania e sua dignidade como pessoa. Disse-lhe que, inconscientemente, talvez seja mais conveniente para ele se autodepreciar, pois, dessa forma, estaria se justificando em sua acomodação. "Cléber" foi mudando de atitude no decorrer do debate, quando discordamos de sua postura tão rígida de culpar a sociedade pelos crimes por ele cometidos, bem como de se desvalorizar, e que, se ele continuasse pensando daquele jeito, seria difícil se reabilitar e retornar à sociedade. Sua fala autodepreciativa, embora isolada, reflete uma realidade que não é exclusiva sua, a partir da experiência que se tem com presidiários. Por esse motivo, ela se tornou muito importante, pois o momento tornou-se uma oportunidade de reflexão para os outros sentenciados. Aliás, esta é a vantagem do trabalho em grupo.

Os detentos, em sua maioria, concordaram com o fato de que o egresso pode encontrar sérias dificuldades de readaptação até na própria família, pela qual, quando de seu retorno, ele seria sentido como um estranho. Este mostrou-se um problema muito sério e que também está no âmago da questão mais geral do resgate da interação com a sociedade.

Os estudantes foram convidados para que, num final de semana, viessem até o presídio para passar um dia com eles e suas famílias, para que pudessem conhecê-los melhor, a eles e a suas famílias, podendo entender também a dinâmica familiar deles. Foi muito significativo esse interesse dos internos pela presença das estudantes no dia de visita, para conhecerem melhor suas famílias. Mostraram-se inclusive preocupados com a forma como a casa poderia interpretar esse seu convite (já que se tratava de convite a *alunas*, do sexo feminino, e não simplesmente a alunos). De qualquer forma, foi um sinal de aproximação e confiança por parte dos detentos.

Observações gerais sobre o segundo encontro do grupo 2

Verifica-se que os reeducandos não se aprofundam numa análise e reflexão sobre os motivos de sua conduta criminosa e principalmente sobre o que hoje ela representa para eles. Seria por dificuldades de reflexão? Seria por resistência? Ou seria porque o seu interesse no debate com universitários estaria voltado para outros assuntos e outras preocupações?

É o caso de se perguntar se é conveniente e oportuno tomar como tema explícito de debate a questão da conduta criminosa, ou se não seria melhor colher suas reflexões e seus posicionamentos ético-valorativos a partir de discussões em torno

de outros temas. Analogamente falando, quando se visita um doente num hospital, conversar com ele sobre sua doença provavelmente não é dos melhores assuntos.

Terceiro encontro

O tema de debate do terceiro encontro foi: o que os reeducandos pensam sobre a sociedade. As alunas entregaram uma folha de sulfite a cada um e deixaram lápis de cor à disposição deles para que, com esse material, eles expressassem o que era a sociedade. Feita a atividade, foi-lhes pedido que cada um fosse falando o que havia representado.

Destaque de algumas participações

Os reeducandos foram unânimes em reconhecer o preconceito da sociedade em relação a eles e, conseqüentemente, as dificuldades que têm pela frente, ao retornarem à rua. Foram praticamente unânimes em dizer que a sociedade, para eles, é sua família.

Cléber, o sentenciado que vinha se autodepreciando, fez algo no papel e depois rasgou e jogou no lixo. Preferiu falar. Disse que não culpa a sociedade por estar preso, mas voltou a se referir à sua falta de capacidade para se ressocializar, não acreditando que possa se "curar". O Prof. Alvinho disse-lhe novamente que, em primeiro lugar, ele tinha que parar de se auto-rotular como um caso perdido, que precisava acreditar nele. Disse-lhe que, se, de fato, ele não pretendesse mesmo se ressocializar, ele não estaria freqüentando as sessões de debates com os universitários.

Diante das colocações que eles fizeram sobre preconceito, as alunas disseram que até mesmo entre eles existiam preconceitos e que isso era algo que todos enfrentávamos em qualquer grupo social, dentro ou fora do presídio.

Todos deixaram muito clara a importância do apoio familiar ao preso e, talvez por isso, a resposta quase que unânime foi de que para eles a sociedade era a família.

No final, os alunos entregaram o texto "A águia que (quase) virou galinha" (Rubem Alves, anexo 2), para que eles lessem e pudessem discutir no próximo encontro.

Observações gerais sobre o terceiro encontro do grupo 2

Depreende-se da fala dos reeducandos que a sociedade para eles é algo abstrato e que eles se sentem marginalizados em relação à mesma. "Sociedade" para eles é sua família. Percebe-se um distanciamento deles em relação à sociedade, uma relação de antagonismo, e verificou-se ainda que, em suas perspectivas, não está incluído um propósito de se reintegrar à sociedade. Certamente por conta dos preconceitos de que eles se sentem vítimas e por conta de uma descrença sobre suas reais possibilidades.

Quarto encontro

O tema de debate do quarto encontro foi a prisionização, através da discussão sobre o texto "A águia que (quase) virou galinha" (anexo 2). (Obs: estava prevista

no projeto a discussão sobre a família. No entanto, diante da dinâmica dos debates anteriores, e em função do texto que foi distribuído, mudou-se o tema da presente sessão).

Os alunos perguntaram se eles todos tinham lido o texto e alguns responderam que não. Foi perguntado então, daqueles que leram, o que tinham entendido. Apenas "Luciano" e "Cléber" disseram ter entendido.

Destaque de algumas participações

"Luciano" disse que se tratava deles mesmos, reeducandos, que eram águias e estavam no galinheiro e precisavam tomar cuidado para não esquecer que um dia também já fizeram parte da sociedade, mas que se tornava difícil voltar para ela, depois de tantos anos convivendo com outros reeducandos no presídio.

"Cléber", o sentenciado que vinha tendo uma auto-imagem muito negativa, disse que pensou muito a respeito do que foi dito a ele na sessão passada, de que, se ele quisesse, seria capaz de sair da cadeia e voltar a ter uma vida normal, sem precisar roubar. Disse que, à noite, quando se deitou, lembrou do texto e começou a ler e acha que se encaixa perfeitamente em seu caso. Disse que o grupo foi o homem das montanhas e que tinha tomado um "puxão de orelhas" (*sic*). Disse também que tinha servido para que ele refletisse mais sobre o que ele estava fazendo na vida e o que ele pretendia de fato para o seu futuro. "Será que eu sou mesmo tudo aquilo que eu falei? (...). Não que eu não tenha me recuperado, mas que eu dei um grande passo, eu dei".

"João" perguntou se existiam respostas certas ou erradas para a leitura do texto. Foi-lhe respondido que não existiam respostas certas ou erradas e que podia se encaixar em qualquer situação. As alunas explicaram que o texto trata basicamente da influência do meio no ser humano e em seus comportamentos. Falou-se também sobre prisionização e todo o processo de perda de identidade que ocorria com eles dentro da cadeia. E também da influência que sofriam aqueles que conviviam com eles todos os dias.

Eles concordaram e disseram que lá eram tratados como números (os números das celas) e que mesmo os agentes penitenciários e as psicólogas acabavam por se contaminar com o convívio diário na cadeia. Eles disseram que até mesmo o linguajar deles se modificava.

Observações gerais sobre o quarto encontro do grupo 2

Quanto à leitura do texto e reflexão sobre o mesmo, verificaram-se diferentes níveis de aproveitamento. Interessante lembrar que o detento que mais queria se mostrar identificado com a vida do crime ("Cléber") foi o que melhor proveito parece ter tirado da leitura do texto. No entanto, durante os debates, parece que houve uma compreensão geral sobre a mensagem passada, bem como uma concordância com a mesma, sendo que os reeducandos acabaram associando suas experiências com o que diz o texto. Daí se conclui sobre a conveniência e a importância das discussões e debates com os reeducandos, como uma forma de estimulá-los a refletir sobre sua conduta e o seu futuro.

Quinto encontro

No quinto encontro, foi aplicada uma dinâmica de grupo, que consistiu num trabalho sobre o texto "Após hecatombe" (ver instruções no anexo 3).

Os alunos entregaram uma folha de sulfite para cada um dos reeducandos e foi pedido que seguissem as instruções da dinâmica, colocando no papel na ordem que lhes foi pedida, para que, no momento da discussão, não houvesse confusão.

Feito isso, cada detento foi apresentando sua resposta à questão que lhes fora proposta no texto, ou seja, dizer as pessoas que eles levariam para seu novo mundo após uma hecatombe.

Após todos terem falado, eles perguntaram às alunas porque elas também não haviam feito a dinâmica e lhes foi dito que já conheciam e por isso não faria sentido fazerem. Eles então perguntaram se já existiam respostas certas ou erradas, isto é, esperadas. As alunas disseram que não. Então "João" perguntou se estariam sendo avaliados os tipos de respostas dadas por eles, se eram negativas ou não. Os alunos disseram que não, que se tratava apenas de uma dinâmica, onde basicamente se colocavam em discussão os valores morais de cada um.

Observações gerais sobre o quinto encontro do grupo 2

Os reeducandos apegaram-se ao concreto, preferindo não abstrair, e não foram além do escrito. Também mostraram-se muito preocupados com relação aos possíveis significados dessa dinâmica, com as "reais intenções" dos alunos e aquilo que de negativo eles poderiam estar revelando sobre sua pessoa.

Observou-se uma diferença marcante nessa sessão quanto ao "clima" e quanto à espontaneidade das colocações. De forma geral, os reeducandos mantiveram-se na maior parte do tempo quietos.

Sexto encontro

O tema de debates do sexto encontro foi: o que os reeducandos pensam acerca de seu futuro, quando em liberdade. Recorreu-se a uma dinâmica de grupo. Os alunos leram um poema para eles chamado "Lá embaixo" (anexo 1) e, ao término, perguntaram-lhes o que haviam entendido. Após a discussão desse texto, as alunas leram outro poema chamado "Personalidade" (anexo 4).

"Cléber", em meio às discussões sobre os textos, aproveitou para se desculpar, dizendo que estava mentindo em todas as sessões para as alunas e o professor e para ele mesmo. Disse que tudo o que havia falado nas outras sessões, como voltar para o crime ou ver uma carteira do lado e já pensar em roubar, era tudo mentira. Disse também que não sabia porque tinha feito aquilo e que esperava um futuro melhor para ele e que, em todos esses anos preso, ele tinha aprendido a não querer mais essa "vida de ladrão". Essa atitude de "Cléber" ficou realmente uma incógnita para todos, sobretudo para os universitários, por certo.

Quanto aos preconceitos e dificuldades de se ressocializar, os alunos disseram que até para eles se tornava cada vez mais difícil conviver na sociedade, que para eles também existiam preconceitos, dificuldades e barreiras a serem enfrentadas, mas se tratava apenas de saber lidar com isso da melhor forma possível, não se deixando levar por caminhos inadequados ou desistir de tudo.

O professor disse então que a opção deles por abandonar a vida do crime poderá ser muito difícil, pois irá exigir deles uma mudança radical de estilo de vida, de regras, hábitos, valores e de pessoas com as quais convivem. No mundo do crime, continuou o professor, eles são valorizados, sabem o que é “certo” e “errado”, enfim, sabem como se comportar. Saindo do mundo do crime, eles poderão sentir-se, ao menos inicialmente, como que estranhos, não aceitos, não estarão habituados com as regras de convivência, com os valores e com os “critérios de felicidade”. Tudo isso tende a se agravar na proporção do tempo em que estiverem cumprindo pena. Frente a tais dificuldades, poderão se sentir tentados a tomar a solução mais fácil, a escolher o caminho mais curto, que é o de voltar para o crime, ou seja, voltar para o mundo por eles melhor conhecido. Tudo é uma questão de saber o que realmente querem e de força de vontade. Finalizou dizendo que, para problemas difíceis, não existem soluções fáceis.

Diante dessa fala, os sentenciados se mostraram pensativos, reflexivos.

Sétimo encontro

O sétimo encontro teve como objetivo fazerem-se a avaliação e o encerramento do trabalho.

De maneira geral, todos disseram que gostaram do trabalho.

“Luciano” disse que ele nunca iria esquecer e que, se os encontros continuassem, seria uma pena que ele não poderia participar, porque já estava saindo.

“Daniel” também falou que, se os encontros continuassem, ele pretendia continuar também, mas já estava para sair. Ele disse que era uma oportunidade de conversarem sobre outros assuntos e que eles se sentiam como se estivessem fora do presídio.

“Cléber” disse que gostou muito, inclusive porque não se fica perguntando sobre os crimes cometidos por eles, que nos encontros foram conversados assuntos como família e sociedade e eles se sentiam à vontade para conversar.

Eles então pediram a opinião das alunas e elas lhes disseram que haviam gostado muito da experiência, que haviam aprendido muito, enfrentado preconceitos e que agora podiam passar para outras pessoas essa experiência, para que os preconceitos fossem quebrados também.

O Prof. Alvino disse que, mesmo para ele, se constituiu uma novidade, que toda sua experiência era com exames criminológicos e, portanto, com situações nas quais os sentenciados se mostravam defensivos, mas que ali ele pôde senti-los como pessoas, sentir que de fato os sentenciados são iguais a nós como pessoas.

5. Análise, considerações e conclusões sobre a experiência com o programa desenvolvido

O programa de apoio a reclusos, de que trata o presente relato, desenvolvido através de sessões de debates entre eles e um grupo de estudantes universitários, sob a coordenação de um professor, psicólogo, que também trabalha no Sistema Penitenciário, teve, poderíamos dizer, um objetivo geral e objetivos específicos. Seu objetivo geral foi o de buscar um “reencontro” entre presos e um segmento da sociedade, partindo-se do pressuposto de que o problema básico da delinquência reside num conflito, numa relação de antagonismo entre o delinquente e a sociedade. Portanto, deveria fazer parte das estratégias de “recuperação” do delinquente promover seu reencontro com a sociedade e da sociedade com ele. Quanto aos objetivos específicos, eles se colocam do lado do grupo de universitários e do lado dos presos. Da parte dos universitários, como já foi dito na introdução, o objetivo é levá-los a ter uma melhor compreensão do homem preso como pessoa, a entrar em contato com seus problemas e angústias e superar preconceitos que possam ter em relação à população carcerária. Da parte dos presos, o objetivo é oferecer-lhes uma oportunidade de se sentirem cidadãos, sentirem-se valorizados, dignos da convivência social, uma oportunidade de discutir assuntos diferentes, com pessoas diferentes, e de verbalizar, seja perante seus companheiros, seja perante um segmento da sociedade, suas angústias, sentimentos e preocupações, bem como suas predisposições negativas e mágoas em relação à sociedade. Pois bem, embora o programa tenha sido relativamente simples, de curta duração, sem grandes pretensões, mesmo porque incipiente, podemos dizer que os objetivos, geral e específicos, foram atingidos, ao menos em parte.

Quanto ao objetivo geral, não se pode negar que o programa constituiu-se numa efetiva experiência de “reencontro” entre presos e um segmento da sociedade. De início, observou-se certa resistência e precaução por parte dos reclusos, a qual por vezes voltava à tona, sempre associada a uma preocupação deles sobre qual seria a real intenção dos universitários. Essa resistência, porém, foi sendo superada e resolvida com relativa facilidade, e os próprios universitários foram tornando-se mais espontâneos. A partir já do segundo encontro criou-se um clima bastante agradável de trabalho, a tal ponto que os presos, quando se tinha que pular uma semana, não gostavam e diziam sentir falta do encontro e, quando faltava um estudante, imediatamente notavam sua ausência e pediam explicações. Da mesma forma, os alunos notavam a falta de algum preso e perguntavam por ele. Um dos grupos de presos chegou a convidar os universitários para comparecerem no dia de sua visita e conhecerem suas famílias. No dia do encerramento, os reeducandos foram unânimes em dizer que gostariam de continuar o trabalho, e um deles interrompeu as despedidas, retirou-se rapidamente da sala, uma aluna sentiu sua falta na sala, foi atrás dele e o flagrou chorando no corredor. Ora, tudo isso está a nos demonstrar que o que houve foi um real *encontro* entre dois grupos de pessoas. E algo aparentemente simples. No entanto, dentro de uma perspectiva criminológica da compreensão do crime como expressão de um conflito

to, de uma relação de antagonismo entre o delinqüente e a sociedade, trata-se de um reencontro entre duas partes em conflitos.

Quanto aos objetivos específicos a serem atingidos por parte dos presos, podemos dizer que o programa teve seus resultados positivos. Eles tiveram oportunidade de verbalizar o que sentem em relação à sociedade, o preconceito que sentem nela em relação a eles, seus temores (inclusive em relação à forma como sua família vai recebê-los), e de discutir esses problemas com seus companheiros e, coisa que para eles certamente nunca aconteceu, com um grupo de universitários. Tiveram oportunidade de discutir assuntos diferentes (dos comumente tratados no ambiente carcerário) e com pessoas diferentes. Só essa experiência já lhes serviu certamente (embora não o tenham verbalizado) para se sentirem mais valorizados e respeitados. Tiveram também oportunidade, ainda que através de colocações isoladas de um ou outro, de expressar seu sentimento de inferioridade, de descrença em si mesmos e de identificação com seu “lado criminoso”, como se fosse uma fatalidade, num contexto sadio que permitiu que tais colocações fossem debatidas, discutidas e rebatidas, à busca de uma melhor reflexão. Percebeu-se, da parte dos sentenciados, certa dificuldade (provavelmente por resistência) em se aprofundar na análise e reflexão sobre os problemas discutidos, principalmente quando se tratava da análise e interpretação do significado simbólico de um texto. A par disso, eles se apegam a certas formas estereotipadas de pensar, a certas “crenças irracionais” sobre as “regras” da vida, sobre sua pessoa, estereotípias e crenças essas cultivadas graças ao ambiente restrito e estereotipado do cárcere. Evidentemente, não se pode pretender que, com uma única experiência como essa, rompam-se essas estereotípias e se superem essas crenças. Não deixa, porém, de ser uma oportunidade de elas serem questionadas, como de fato o foram.

Por fim, quanto aos objetivos específicos a serem atingidos por parte dos universitários, não há dúvida de que os resultados foram positivos. Os universitários venceram de fato certos preconceitos com relação aos encarcerados e passaram a ter uma nova compreensão do homem preso. Passaram a acreditar mais nele, nos seus valores e em suas condições de se reintegrar socialmente. Para os universitários, ficou clara a importância da aproximação entre os sentenciados e a sociedade, como uma forma de se desmistificar a imagem criada pela mídia em relação ao detento e se mostrar que, do lado de dentro do presídio, existe um indivíduo que cometeu um erro, mas que não deixa de ser um ser humano, e que é importante para ele manter um contato social a fim de pensar sobre sua conduta, refletir sobre seus erros e procurar mudar sua forma de pensar.

Enfim, para concluir, e repetindo o que já foi dito acima, essa experiência de um programa de apoio à reintegração social de presos através de sessões de debates entre eles e um grupo de sentenciados constituiu-se numa verdadeira e efetiva experiência de *reencontro*, de um reencontro significativo e enriquecedor para ambas as partes. Para não sermos pretensiosos, seria melhor dizer que foi um esboço de reencontro, pois tudo o que se fez, ou que se começou a fazer, poderia ser aprofundado e produzir efeitos positivos mais consistentes e estáveis no caso de

um prolongamento do programa ou de novas experiências, ainda que com estratégias e técnicas diferentes. Afinal, uma história de conflitos, como é a história do crime, não se pode pretender resolver com uma experiência de algumas sessões de debates. Mas ficou claro que esse é um caminho. Um caminho de reencontro.

Bibliografia

- BARATTA, A. "Ressocialización o control social: por un concepto critico de 'reintegración social' del condenado". In OLIVEIRA, E. (Coord.). *Criminologia critica* (Fórum Internacional de Criminologia Crítica). Belém: Cejup, 1990.
- CABRAL, A.; NICK, E. *Dicionário técnico de psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- SÁ, A. A. de. "Arquitetura carcerária e tratamento penal". I Enarpe – Encontro Nacional sobre Arquitetura Penal, Brasília. São Paulo: RT, 1990.
- SCHNEIDER, H. J. "Recompensación en lugar de la sanción. Restablecimiento de la paz entre el autor, la víctima y la sociedad". In KOSOVSKI, E. (Org. e Ed.). *Vitimologia: enfoque interdisciplinar*. 7.º Simpósio Internacional de Vitimologia, Rio de Janeiro, 1991.
- THOMPSON, A. *A questão penitenciária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

Anexos

ANEXO I

Lá embaixo

Um dia um fazendeiro, que lutava com muitas dificuldades, possuía alguns cavalos para ajudar nos trabalhos em sua pequena fazenda. Um dia, seu capataz veio trazer-lhe a notícia de que um dos seus cavalos havia caído num velho poço abandonado. O poço era muito profundo e seria extremamente difícil tirar o cavalo de lá. O fazendeiro foi rapidamente até o local do acidente, avaliou a situação, certificou-se de que o animal não havia se machucado. Mas, pela dificuldade e alto custo de retirá-lo do fundo do poço, achou que não valia pena investir na operação de resgate. Tomou, então, a difícil decisão: determinou ao capataz que sacrificasse o animal, jogando terra no poço até enterrá-lo ali mesmo. E assim foi feito!!!

Os empregados, comandados pelo capataz, começaram a lançar terra para dentro do buraco de forma a cobrir o cavalo... Mas, à medida que a terra caía em seu dorso, o animal a sacudia e ela ia se acumulando no fundo, possibilitando, ao cavalo, ir subindo. Logo os homens perceberam que o cavalo não se deixava enterrar, mas, ao contrário, estava subindo à medida que a terra enchia o poço, até que finalmente conseguiu sair. Sabendo do caso, o fazendeiro ficou muito satisfeito e o cavalo viveu ainda muitos anos servindo ao seu dono, na fazenda.

Conclusão: Se você estiver "Lá embaixo, sentindo-se pouco valorizado, quando, já certos de seu 'desaparecimento', os outros jogarem sobre você a 'terra' da incompreensão, de falta de oportunidades e de apoio, lembre-se do cavalo desta história. Não aceite a terra que jogam sobre você; sacuda-a e suba sobre ela. E, quanto mais jogarem mais você vai subindo..., subindo..., subindo...".

ANEXO 2

A águia que (quase) virou galinha

Rubem Alves

A idéia desta estória não é minha. Meu é só o jeito de contar...

Sobre uma águia que foi criada num galinheiro.

E foi aprendendo sobre o jeito galináceo de ser, de pensar, de ciscar a terra, de comer milho, de dormir em poleiros...

E na medida em que aprendia, ia esquecendo as poucas lembranças que lhe restavam do passado. *É sempre assim: todo aprendizado exige um esquecimento...* E ela desapareceu o cume das montanhas, os vôos nas nuvens, o frio das alturas, a vista se perdendo no horizonte, o delicioso sentimento de dignidade e liberdade... Como não havia ninguém que lhe falasse destas coisas, e todas as galinhas cacarejassem os mesmos catecismos, ela acabou por acreditar que ela não passava de uma galinha com perturbação hormonal, tudo grande demais, aquele bico curvo, sinal certo de acromegalia, e desejava muito que seu cocô tivesse o mesmo cheiro do cocô das galinhas...

Um dia apareceu por lá um homem que vivera nas montanhas e vira o vôo orgulhoso das águias.

"Que é que você faz aqui?", ele perguntou.

"Este é o meu lugar", ela respondeu. "Todo mundo sabe que galinhas vivem em galinheiros, comem milho, ciscam o chão, botam ovos e finalmente viram canja: nada se perde, utilidade total..."

"Mas você não é uma galinha", ele disse. "É uma águia".

"De jeito nenhum. Águia voa alto. Eu nem sequer voar sei. Pra dizer a verdade, nem quero. A altura me dá vertigens. É mais seguro ir andando, passo a passo..."

E não houve argumento que mudasse a cabeça da águia esquecida. Até que o homem, não agüentando mais ver aquela coisa triste, uma águia transformada em galinha, agarrou a águia à força, e a levou até o alto de uma montanha.

A pobre águia começou a cacarejar de terror, mas o homem não teve compaixão; jogou-a no vazio do abismo. Foi então que o pavor, misturado à memória que ainda morava em seu corpo, fez as asas baterem, a princípio em pânico, mas pouco a pouco com tranqüila dignidade, até se abrirem confiantes, reconhecendo aquele espaço imenso que lhe fora roubado. E ela finalmente compreendeu que seu nome não era galinha, mas águia...

ANEXO 3

Dinâmica da "Após Hecatombe"

Objetivo: Propor uma reflexão sobre os valores sociais, morais, religiosos e afetivos dos colaboradores.

Instruções: O coordenador da sessão deverá pedir aos colaboradores que, utilizando ao máximo sua imaginação e fantasia, construa um "Novo Mun-

do". Para facilitar a nova construção, o coordenador deverá propor as seguintes questões:

1) Escolha até 5 pessoas que você conhece e gostaria de levar para o seu novo mundo. Justificar.

2) Você levará um Deus? Como será? E as religiões?

3) Haverá governo? Leis? Quais?

4) Escolha três itens que você irá administrar no seu mundo dentre os seguintes: marginalidade, pobreza, homossexualismo, prostituição, corrupção, Aids (explorar dentro do possível).

5) Se realmente fosse possível criar um novo mundo, quais alterações que você faria neste atual, que

6) estamos vivendo, para que você pudesse melhorar a sua vida em algum aspecto que você considera muito significativo e importante para a sua felicidade.

ANEXO 4

Personalidade

Se você não puder ser um pinheiro no topo da colina

Seja um arbusto no vale – mas seja

O melhor arbusto à margem do regato.

Seja um ramo se não puder ser uma árvore.

Se não puder ser um ramo, seja um pouco de relva

E dê alegria a algum caminho.

Se não puder ser almíscar, seja então uma tília

Mas a tília mais viva do lago

Não podemos ser todos capitães, temos de ser tripulação.

Há alguma coisa para todos nós aqui.

Há grandes obras e outras, menores, a realizar

E é a próxima tarefa que devemos empreender.

Se você não puder ser estrada, seja apenas uma senda

Se não puder ser sol, seja a pequena estrela

Não é pelo tamanho que terá êxito ou fracasso

Mas seja o melhor, do que quer que seja!

(Autor e origem desconhecidos.)